

MITO DE SÍSIFO E A PSICOLOGIA DO SUICÍDIO: UMA ABORDAGEM INTERPRETATIVA

10.62506/phs.v7i1.275

The Myth of Sisyphus and the Psychology of Suicide: An Interpretative Approach

MARCELO DA SILVA FABRES*

El Mito de Sísifo y la Psicología del Suicidio: un Enfoque Interpretativo

DANIELLE TRINDADE MADONO PIRES**

Resumo: Este estudo explora as múltiplas interpretações do mito de Sísifo na literatura e filosofia, com foco na leitura de Albert Camus. O mito, presente nas obras de autores clássicos como Hesíodo, Homero e Dante, ilustra a punição eterna de Sísifo, condenado a empurrar uma rocha montanha acima repetidamente. Camus, porém, utiliza o mito para refletir sobre o absurdo da condição humana, sugerindo que, apesar da falta de sentido, a vida pode ser encarada com coragem e resiliência. A análise destaca a construção simbólica do mito como uma representação da luta humana contra a falta de propósito e do esforço sem recompensa, conceitos centrais na filosofia do absurdo de Camus.

Palavras-chave: Sísifo; Mito; Absurdismo; Suicídio; Condição Humana.

Abstract: This study explores the multiple interpretations of the myth of Sisyphus in literature and philosophy, focusing on Albert Camus's perspective. The myth, as depicted by classic authors such as Hesiod, Homer, and Dante, illustrates Sisyphus's eternal punishment, where he is condemned to repeatedly push a rock up a mountain. Camus, however, uses the myth to reflect on the absurdity of the human condition, suggesting that despite its lack of meaning, life can be faced with courage and resilience. The analysis highlights the symbolic construction of the myth as a representation of the human struggle against purposelessness and unrewarded effort, central themes in Camus's philosophy of the absurd.

Keywords: Sisyphus; Myth; Absurdism; Suicide; Human Condition.

Resumen: Este estudio explora las múltiples interpretaciones del mito de Sísifo en la literatura y la filosofía, centrándose en la perspectiva de Albert Camus. El mito, representado por autores clásicos como Hesíodo, Homero y Dante, ilustra el castigo eterno de Sísifo, condenado a empujar una roca cuesta arriba repetidamente. Sin embargo, Camus utiliza el mito para reflexionar sobre el absurdo de la condición humana, sugiriendo que, a pesar de la falta de sentido, la vida puede ser enfrentada con valentía y resiliencia. El análisis destaca la construcción simbólica del mito como una representación de la lucha humana contra la falta de propósito y el esfuerzo sin recompensa, temas centrales en la filosofía del absurdo de Camus.

Palabras clave: Sísifo; Mito. Absurdo; Suicidio; Condición Humana.

* Universidade Federal de Pelotas. E-mail: fabresmarcelo@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0484-8335>

** Universidade Católica de Pelotas. E-mail: danielletmadono@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-4055-9610>



Introdução

A discussão sobre o suicídio na filosofia e nas ciências sociais é permeada por diversas abordagens que, apesar de seus contrastes metodológicos e teóricos, convergem na tentativa de compreender uma das ações mais drásticas da experiência humana. Este trabalho busca explorar a interseção entre as reflexões filosóficas de Albert Camus sobre o absurdo e o mito de Sísifo, e as teorias psicológicas e sociológicas de Sigmund Freud, Viktor Frankl e Émile Durkheim. Esses quatro pensadores, embora partam de premissas diferentes, oferecem perspectivas que se complementam na análise do suicídio, permitindo uma compreensão multifacetada do fenômeno.

Albert Camus, em sua obra "O Mito de Sísifo", apresenta o suicídio como a única questão filosófica verdadeiramente séria, nascida da confrontação com o absurdo da vida. Para Camus, o absurdo emerge do confronto entre o desejo humano por sentido e a aparente indiferença do universo em o oferecer. Frente a essa condição, Camus propõe a revolta como a única resposta legítima: uma afirmação da vida apesar do absurdo, em que o indivíduo, consciente da falta de sentido, decide continuar a viver em desafio a essa realidade. O personagem Sísifo, condenado a repetir eternamente uma tarefa inútil, simboliza essa condição humana de luta constante contra o absurdo.

Por outro lado, a sociologia de Émile Durkheim introduz a dimensão social na análise do suicídio. Em sua obra clássica "O Suicídio", Durkheim argumenta que o ato não pode ser plenamente compreendido sem levar em conta os fatores sociais que o influenciam. Através de sua tipologia do suicídio—egoísta, altruísta, anômico e fatalista—Durkheim mostra como diferentes condições sociais, como a integração e a regulação social, podem levar os indivíduos ao ato suicida.

Já a psicanálise freudiana oferece uma lente através da qual o suicídio pode ser entendido como uma manifestação dos conflitos internos inconscientes. Para Freud, o ato suicida pode ser visto como resultado de uma batalha entre o desejo de viver e os impulsos destrutivos, onde a morte surge como uma solução trágica para o sofrimento psíquico insuportável.

Em contrapartida, Viktor Frankl, em sua abordagem da logoterapia, propõe que a busca de sentido é a força motivadora primária na vida humana. Mesmo diante das circunstâncias mais desesperadoras, Frankl argumenta que é possível encontrar ou criar um propósito que torne a vida digna de ser vivida. Sua experiência em campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial fortaleceu sua crença de que, mesmo quando tudo é tirado de um homem, ele ainda pode encontrar liberdade na atitude que escolhe adotar frente ao sofrimento.

Por fim, este trabalho, apresenta uma discussão interpretativa de base hermenêutico-comparativa sobre o suicídio, articulando quatro núcleos: absurdo e revolta em Camus, luto, melancolia e ambivalência autoagressiva em Freud, sentido e vazio existencial em Frankl, integração, regulação e anomia em Durkheim. O objetivo é esclarecer sobre que combinações desses núcleos a ideia suicida se configura como solução subjetiva ao sofrimento. A exploração procede por revisão teórica e análise de convergências, tensões e complementaridades, com operacionalização mínima para comparação entre autores. O resultado esperado é uma discussão interpretativa que identifique quando e como a combinação entre absurdo, sentido de vida, ambivalência e integração social converte sofrimento em ideação e ato suicida.

1 O mito de Sísifo

1.1 Interpretações do mito

Na cultura grega, pode-se encontrar uma enorme quantidade de mitos, que foram cruciais para a orientação do imaginário coletivo daqueles povos. Apesar do tempo decorrido desde a criação dessas histórias, o ser humano continua a utilizá-las em seus debates filosóficos. Com o mito de Sísifo não foi diferente: a história do homem que precisou suportar sua existência tortuosa chamou a atenção de Albert Camus, que propôs uma interpretação sob uma nova perspectiva, o absurdismo.

O rei de Corinto (ou Efire) chamado Sísifo era notoriamente conhecido por sua inteligência e astúcia inigualáveis, assim como por seus comportamentos inescrupulosos, enganadores e traiçoeiros. Com seu comportamento reiteradamente maléfico, ele irritou os deuses do Olimpo. Entre suas façanhas estão: a) Enganar a morte, prendendo Tânatos com correntes e impedindo-o de levar a alma do rei para o submundo. Essa atitude resultou em um período na Terra em que ninguém podia morrer, somente com a intervenção de Ares o deus do submundo foi libertado (Hesíodo, 1999); b) Ludibriou Hades, pedindo a permissão para retornar ao mundo dos vivos para punir sua esposa por não realizar seus rituais fúnebres. Porém, uma vez de volta, nunca mais retornou ao submundo (Hesíodo, 1999).

Em "Trabalhos e Dias", Hesíodo menciona Sísifo como um exemplo de alguém que, apesar de sua astúcia, é condenado a uma existência miserável. Diz o autor: "Não inveje a riqueza do malvado, Sísifo mesmo, o mais astuto dos homens, foi o mais desgraçado" (verso 167). Essa menção breve serve para enfatizar a futilidade da riqueza e a inevitabilidade do destino (Hesíodo, 1999).

Na "Odisseia", Homero oferece uma descrição mais detalhada da punição de Sísifo. Ele descreve o esforço in-



terminável de empurrar uma pedra montanha acima, apenas para vê-la rolar de volta. Esta imagem de trabalho inútil e repetitivo simboliza a futilidade de tentar escapar do próprio destino ou enganar os deuses. O autor faz referência a Sísifo na "Odisseia", especificamente no Canto XI (versos 593-600), durante a narrativa de Ulisses no sub-mundo, onde ele descreve a eterna punição de Sísifo:

Vi também Sísifo no Hades suportando horríveis tormentos: Com as mãos erguia uma enorme pedra, esforçando-se para levá-la ao topo de um monte. Mas, quando estava prestes a alcançar o cume, a pedra, impelida por seu próprio peso, rolava para trás até o chão. Ele, então, descia para começá-la de novo. O suor lhe escorria do corpo, e uma poeira negra envolvia-lhe a cabeça (Homero, 1980, p. 593-600).

Dante Alighieri, na sua obra "A Divina Comédia", especificamente no "Inferno", não faz uma referência direta a Sísifo pelo nome. No entanto, a ideia de punição eterna e esforço inútil que caracteriza a história de Sísifo é um tema que permeia muitas das descrições dos condenados que Dante encontra em sua jornada pelo Inferno. No Canto VII, Dante descreve os avarentos e pródigos, que estão condenados a empurrar pesos imensos em círculos eternos, um esforço sem fim que remete à punição de Sísifo: "[...] voltando em gritos a se chocarem, e cada qual se vira e volta, empurrando novamente as pedras que os desgastam" (Dante Alighieri, 2000, p. 75). A descrição de almas empurrando pedras pesadas em um movimento eterno e sem propósito é evocativa da punição de Sísifo, apesar de não mencionar o personagem diretamente. Esta imagem sugere uma influência das histórias clássicas como a de Sísifo na concepção de Dante das punições no Inferno (Dante Alighieri, 2000).

Em interpretações modernas, o mito de Sísifo também aparece em várias formas de mídia visual, onde é frequentemente usado para simbolizar a luta contínua e sem fim dos personagens. No filme *Groundhog Day* (Feitiço do Tempo), o personagem principal vive o mesmo dia repetidamente, uma situação que reflete o trabalho eterno de Sísifo. A repetição diária força o protagonista a encontrar significado e mudança dentro do ciclo interminável (Filme *Groundhog Day*, 1993).

1.2 A visão de Camus sobre o mito de Sísifo

Na interpretação inédita do filósofo Albert Camus sobre o mito de Sísifo, ele traz como o herói da história o próprio Sísifo. Camus acredita que ele é o representante do absurdo da condição humana.

Camus (1974, p.10) afirma:

Os deuses tinham condenado Sísifo a rolar uma rocha incessantemente até o cimo de uma montanha, de onde a pedra caía por seu próprio peso. Eles tinham pensado com alguma razão que não há punição mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança.

O absurdo é o conceito central na obra do autor, originado da busca humana de um sentido para a vida e a irracionalidade do universo, levando os indivíduos a um conflito interno. Para Camus, a vida é inerentemente sem sentido, e qualquer tentativa de buscar um desígnio transcendental é caracterizada como inútil e fútil, tratando-se apenas de uma tentativa frustrada que termina por criar uma mera redução do mundo a uma rasa ótica humana. Camus (1974, p.18) expressa isso da seguinte maneira:

É profundamente indiferente saber qual dos dois, a Terra ou o Sol, gira em torno do outro. Em suma, é uma futilidade. Mas vejo, em contrapartida, que muitas pessoas morrem porque consideram que a vida não vale a pena ser vivida. Vejo outros que, paradoxalmente, deixam-se matar pelas ideias ou ilusões que lhes dão uma razão de viver.

O sentimento do absurdo, diz Camus, pode atingir a face de todos os humanos sem momento oportuno, e a partir desse momento a desolação o perseguirá, causando uma vivência inapreensível de terror. Com a labuta cotidiana inútil e desesperançosa, calcada em uma busca incessante, resta aos sujeitos dessa punição apenas uma alternativa: aceitar a condição que temos, assim como Sísifo, o "herói do absurdo". Camus observa: "Numa esquina qualquer, o sentimento do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é, em sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho, esse sentimento é inapreensível" (Camus, 1974, p. 22).

Para o pensador, Sísifo ensina a capacidade de negar os deuses e erguer as rochas, deixando de lado sua incapacidade de entender, e abraçando sua conclusão de que tudo está bem. Camus observa que não há razão para o desespero diante do universo, já que para o herói ele não parece fútil ou estéril; cada esforço para subir sua rocha é capaz de preencher seu sentido de existência. A felicidade não está na obtenção de um objetivo final, mas no próprio processo de tentar chegar ao cume, mesmo que a pedra role abaixo. A aceitação do absurdo permite que Sísifo encontre um tipo de paz e satisfação em seu esforço constante. Desse modo, a verdadeira revolta é aceitar a realidade do absurdo sem tentar fugir dele. Sísifo não se resigna ao desespero; ele enfrenta sua tarefa com determinação. Essa aceitação ativa é um ato de liberdade, porque a revolta de Sísifo contra seu destino é, paradoxalmente, uma forma de afirmação de sua existência de sua liberdade.



2 A psicologia do suicídio

2.1 Émile Durkheim

O suicídio é um fenômeno complexo que atravessa as fronteiras da psicologia, filosofia e sociologia, não há como separá-los totalmente. Um dos primeiros estudiosos a abordar este tema foi o sociólogo Émile Durkheim, cujo trabalho "Le Suicide: Étude de sociologie" (1897) permanece como referência para a compreensão do fenômeno suicídio. Durkheim definiu o suicídio como "todo caso de morte que resulta, direta ou indiretamente, de um ato positivo ou negativo realizado pela própria vítima, a qual sabia que tal ato resultaria em morte" (1897, p.11). O sociólogo foi precursor na análise da relação das taxas de suicídio e correlacioná-las com fatores sociais, desenvolvendo uma tipologia classificatória definida da seguinte forma:

O suicídio egoísta: Aquele que ocorre quando o indivíduo se sente desconectado da sociedade. Isto é, quando a integração social do indivíduo é fraca, e a sensação de isolamento é grande. Durkheim percebeu que grupos com maior coesão social possuíam taxas de suicídio mais baixas, ou seja, quanto mais ligação o sujeito tem com a família e membros da sociedade menor é a possibilidade de ocorrência de suicídio. Este tipo é mais comum em sociedades modernas, onde o individualismo é mais prevalente.

O suicídio altruísta: ao contrário do suicídio anterior, ocorre em sociedades com forte coesão social. Aqui, o indivíduo sente-se compelido a sacrificar sua vida pelo bem do grupo. Um exemplo notório seria os japoneses "kamikazes" na segunda guerra mundial, que arremessavam seus aviões contra os inimigos pelo bem de seu grupo. Este tipo de suicídio é mais comum em sociedades tradicionais e coletivistas.

O suicídio anômico: Neste caso, o sujeito suicida-se diante de um estado de desregulação social (anomia), onde as normas que regem o comportamento estão danificadas ou ausentes. O ato acontece durante períodos de grandes mudanças sociais e econômicas, as quais podem desorientar e impedir a adaptação dos indivíduos.

O suicídio fatalista: O suicídio fatalista, ocorre em condições de extrema regulação social, onde o indivíduo sente-se preso por normas opressivas. Em tais casos, a perspectiva de escapar de uma vida de repressão torna o suicídio uma opção desejável. Este tipo de suicídio é observado em situações de escravidão ou regimes totalitários como o da Coreia do Norte.

2.2 Sigmund Freud

Diante de um fenômeno multifacetado como o suicídio, a Psicologia, através de Sigmund Freud, oferece uma perspectiva peculiar dos mecanismos internos que podem levar ao ato. Por meio de suas teorias, Freud trouxe à luz complexas dinâmicas psíquicas que envolvem a pulsão de morte, o luto e a melancolia, fornecendo um arcabouço teórico para entender o ato do ponto de vista psicológico.

Em seu trabalho, Freud introduziu o conceito de pulsão de morte (Thanatos) em oposição à pulsão de vida (Eros). Segundo ele, todos os seres humanos possuem uma tendência inata que busca retornar ao estado inorgânico, à ausência de tensão, ou seja, à morte (Freud, 1920). Manifestando-se de diversas formas, essa pulsão pode surgir com comportamentos autodestrutivos e, em casos extremos, o suicídio. Na ótica freudiana, o suicídio pode ser visto como a expressão última da pulsão de morte, onde o desejo inconsciente de acabar com a própria vida supera as forças de Eros que promovem a preservação e a continuidade da vida.

Em seu ensaio "Luto e Melancolia" (Freud, 1917), Freud faz uma distinção importante entre esses dois estados emocionais. O luto é uma resposta saudável à perda, onde o indivíduo gradualmente se desapega do objeto amado perdido e reintegra suas energias emocionais em novos objetos ou relações. A melancolia, por outro lado, é uma forma patológica de luto, caracterizada por uma profunda e duradoura tristeza, autorrecriminação e perda de autoestima. Na melancolia, o indivíduo internaliza a perda de maneira destrutiva, voltando a agressividade que deveria ser direcionada ao objeto perdido contra si mesmo – dando vazão à pulsão de morte. Freud também explorou a dinâmica entre o Ego e o Id. O Ego é a parte que lida com a realidade, enquanto o Id representa os desejos e impulsos primitivos. Nos casos de melancolia, o Ego pode ser sobrecarregado pelos impulsos destrutivos do Id, levando a um estado de auto-ódio intenso. Tal conflito interno pode culminar em suicídio, pois o Ego torna-se incapaz de defender-se das forças destrutivas do Id (Freud, 1917).

Freud sugeriu que o suicídio pode estar ligado a conflitos não resolvidos do complexo de Édipo. Durante o desenvolvimento psicosssexual, o indivíduo pode desenvolver sentimentos ambivalentes em relação aos pais. Quando essas emoções não são devidamente resolvidas, podem resultar em culpa e autopunição. O suicídio, então, pode ser visto como uma forma extrema de autopunição por sentimentos de culpa inconscientes (Freud, 1920).

A abordagem de Freud ao suicídio oferece uma visão profunda das forças inconscientes que podem levar um indivíduo a tal ato extremo. Sua exploração da pulsão de morte, melancolia e os conflitos do Ego e Id ilumina os complexos mecanismos internos que contribuem para o suicídio. Integrar essa compreensão com outras perspectivas, como a de Camus, enriquece nossa capacidade de abordar o suicídio de maneira holística, reconhecendo tanto os fatores internos quanto externos que influenciam este fenômeno trágico.



2.3 Viktor Frankl

Na perspectiva de Viktor Frankl, fundador da logoterapia e sobrevivente do Holocausto, o papel do sentido na vida é primordial nos mecanismos internos que podem levar ao suicídio. Segundo ele, a ausência desse sentido alimenta um desespero profundo que pode conduzir à autodestruição.

Para o autor, a principal força motivadora do ser humano é a busca de um propósito. Ele argumenta que, mesmo nas circunstâncias mais desesperadoras, a vida tem potencial para encontrar significado. Essa ideia baseia-se em suas próprias experiências nos campos de concentração nazistas, onde observou que aqueles que conseguiam encontrar algum sentido, mesmo em meio ao sofrimento extremo, eram mais capazes de sobreviver (Frankl, 1946).

O conceito de "vazio existencial" é central na teoria de Frankl, este estado ocorre quando uma pessoa não consegue encontrar um sentido para viver. O psicólogo sugere que o vazio existencial pode levar ao desespero, apatia e, em casos extremos, ao suicídio. E esse sentimento deriva muitas vezes do resultado de uma vida sem significado, onde os indivíduos não conseguem identificar ou se conectar com valores ou metas que deem sentido à sua existência.

Segundo Frankl, o suicídio pode ser visto como uma falha na busca de sentido. Quando um sujeito se depara com uma situação aparentemente sem esperança e não consegue ver um futuro significante, dessa forma, o desespero pode se tornar avassalador. Essa falta pode fazer com que o suicídio aparente ser uma opção viável de evitar o sofrimento.

Com base em suas experiências e estudos o autor criou a logoterapia, abordagem psicoterapêutica focada em ajudar os indivíduos a encontrarem sentido em suas vidas. Ele acreditava que, mesmo quando todas as outras fontes de sentido estão ausentes, a atitude de uma pessoa em relação ao sofrimento pode ser uma fonte de significado. Ele encorajava os terapeutas a ajudarem seus clientes a identificarem valores pessoais, metas e fontes de sentido que pudessem dar um propósito à vida, mesmo diante de adversidades.

3 O Mito de Sísifo e a Psicologia: Uma Abordagem Interpretativa

Albert Camus, em "O Mito de Sísifo", propõe que a condição humana é essencialmente absurda, marcada pela busca incessante de sentido em um universo indiferente. Para ele, o único problema realmente sério é se a vida vale a pena ser vivida (Camus, 1974).

Essa percepção do absurdo, segundo Camus, pode levar ao desespero e, em casos extremos, ao suicídio como uma forma de escapar dessa angústia existencial. Camus, entretanto, defende que a resposta apropriada ao absurdo não é o suicídio, mas a revolta—uma aceitação lúcida da falta de sentido, acompanhada de uma determinação para continuar vivendo. Essa postura desafia diretamente a noção de suicídio como uma solução, propondo em vez disso que a verdadeira liberdade está em enfrentar o absurdo e viver apesar dele. Quando confrontamos essa visão com a perspectiva de Viktor Frankl, que enfatiza a busca de sentido como um imperativo existencial, notamos uma divergência fundamental. Frankl argumenta que o sentido pode ser encontrado mesmo nas situações mais extremas, como aquelas que ele experimentou nos campos de concentração nazistas. Para Frankl, a ausência de sentido – um vazio existencial – pode ser uma das principais causas do suicídio. No entanto, enquanto Frankl sugere que o significado é algo a ser descoberto ou criado, Camus insiste que a vida é intrinsecamente desprovida de sentido, e que qualquer tentativa de encontrar um significado transcendente é, em última análise, uma ilusão. A revolta camusiana, assim, não é uma busca por sentido, mas uma resistência ao desespero que surge da ausência dele. Nesse ponto, a logoterapia de Frankl pode ser vista como uma tentativa de reintroduzir um sentido onde Camus vê apenas o vazio, uma forma de evitar o confronto direto com o absurdo que Camus considera essencial. Camus afirma: "A consciência do absurdo nasce do sentimento de que não há um sentido objetivo na vida, e que a busca por esse sentido é uma forma de fuga" (Camus, 1974, p. 29).

Sigmund Freud, por outro lado, vê o suicídio através da lente da psicanálise, associando-o a impulsos destrutivos e conflitos inconscientes. Para Freud, o comportamento suicida pode ser uma manifestação da pulsão de morte (Thanatos), onde o indivíduo, incapaz de lidar com os conflitos internos, dirige sua agressividade para si mesmo. Essa interpretação pode ser correlacionada com o conceito de absurdo em Camus: a revolta camusiana, que desafia o impulso de sucumbir ao desespero, pode ser vista como uma forma de resistir à pulsão de morte. Enquanto Freud explora os elementos inconscientes que levam ao comportamento suicida, Camus aborda o suicídio a partir da consciência plena do absurdo da existência. Freud poderia argumentar que a revolta camusiana é, de fato, uma sublimação da pulsão de morte, uma forma de transformar a agressividade autodestrutiva em um impulso criativo de resistência. Freud observa: "O suicídio é um ato que resulta da internalização de conflitos e da agressividade dirigida contra si mesmo, quando o Ego se vê incapaz de lidar com as tensões internas" (Freud, 1920, p. 87).

A perspectiva sociológica de Émile Durkheim sobre o suicídio oferece outra dimensão para a análise do mito de Sísifo. Durkheim argumenta que o suicídio é influenciado pela coesão social, ou pela falta dela, categorizando o suicídio em tipos distintos, como o egoísta, altruísta e anômico. A solidão de Sísifo, condenado a uma tarefa interminável sem esperança de alívio, pode ser vista como uma metáfora para o suicídio egoísta, onde a desconexão social leva ao desespero. No entanto, enquanto Durkheim sugere que a integração social pode mitigar o risco de suicídio, Camus apresenta uma visão mais individualista, onde a revolta contra o absurdo é uma tarefa solitária. Mesmo que Sísifo esteja isolado, a resposta não é buscar coesão social, mas encontrar força na própria revolta con-



tra o absurdo. Nesse sentido, a revolta de Camus pode ser vista como uma forma de resistência não apenas ao absurdo, mas também à alienação descrita por Durkheim, uma afirmação da individualidade em face da desconexão social. Durkheim observa: “O suicídio egoísta ocorre quando os laços sociais são fracos ou inexistentes, levando o indivíduo a um estado de desespero e isolamento” (Durkheim, 1897, p. 105).

A integração dessas abordagens no contexto do mito de Sísifo revela a complexidade do fenômeno suicida. Camus, ao destacar a importância da revolta contra o absurdo, oferece uma forma de resistência que pode ser complementada pelas outras perspectivas. Frankl, com sua ênfase na busca de sentido, oferece uma alternativa à revolta camusiana, sugerindo que mesmo diante do absurdo, é possível encontrar significado. Freud, ao explorar os impulsos destrutivos, fornece uma compreensão das forças internas que Camus também reconhece, mas que ele considera secundárias à revolta consciente contra o absurdo. Durkheim, por fim, ao enfatizar o papel da coesão social, nos lembra que o indivíduo, mesmo em sua revolta solitária, ainda é influenciado pelo contexto social.

Portanto, ao analisar o suicídio através do prisma do mito de Sísifo, é possível ver como Camus, Frankl, Freud e Durkheim oferecem intuições complementares que, quando integrados, podem proporcionar uma compreensão mais profunda e uma abordagem terapêutica mais eficaz. Camus, com sua ênfase na revolta, desafia as soluções oferecidas por Frankl, Freud e Durkheim, mas também pode ser enriquecido por elas. A revolta contra o absurdo pode coexistir com a busca de sentido, a exploração dos impulsos inconscientes e o fortalecimento das conexões sociais, criando um quadro mais completo para entender e tratar o suicídio. Através dessa integração, podemos ver que a luta de Sísifo não é apenas contra o absurdo, mas também contra as forças internas e externas que ameaçam sua existência, transformando sua revolta em um ato de criação contínua de significado e resistência.

Conclusão

A integração das perspectivas de Albert Camus, Émile Durkheim, Sigmund Freud e Viktor Frankl proporciona uma abordagem multifórmula para a compreensão do fenômeno do suicídio, articulando a relação entre o mito de Sísifo e a psicologia. Camus, ao propor a revolta contra o absurdo, desafia a percepção tradicional do suicídio como uma solução para a angústia existencial, sugerindo, em vez disso, que a aceitação ativa da falta de sentido é uma forma de afirmação da vida.

A contribuição de Émile Durkheim, com sua análise sociológica, contextualiza o suicídio dentro de um quadro mais amplo de coesão social, destacando como a desconexão social e a anomia podem aumentar o risco de suicídio. Embora Durkheim enfatize a importância da integração social para a prevenção do suicídio, a perspectiva de Camus aponta para uma resposta mais individualista e existencialista, onde a força da revolta não depende da sociedade, mas da capacidade do indivíduo de enfrentar e resistir ao absurdo da existência.

A síntese dessas abordagens cria uma compreensão mais completa do suicídio, reconhecendo que ele é um fenômeno complexo, influenciado tanto por fatores internos quanto externos. A revolta proposta por Camus, com sua recusa em se resignar ao desespero, pode ser vista como um ponto de interseção entre as diferentes teorias, oferecendo uma via de resistência que não exclui a possibilidade de encontrar significado, explorar impulsos inconscientes ou fortalecer laços sociais. A revolta contra o absurdo desafia a tendência ao suicídio, e pode coexistir com outras formas de enfrentamento, criando um quadro integrativo para a compreensão e abordagem do suicídio no contexto da psicologia e filosofia.

A expansão dessa análise interpretativa revela ainda mais nuances na relação entre o mito de Sísifo e a psicologia, destacando como diferentes abordagens podem se complementar ou até mesmo tensionar uma à outra na compreensão do suicídio e da condição humana.

Ao entender mais profundamente a ideia camusiana, percebemos que essa postura não é meramente uma rejeição ao suicídio, mas uma forma de afirmar a autonomia e a liberdade individual em um mundo desprovido de sentido. Camus não nega o impulso suicida; ele o reconhece como uma tentação lógica e coerente diante do absurdo. No entanto, a verdadeira resposta, para ele, não é a capitulação, mas a revolta. Essa revolta é, paradoxalmente, um ato de criação – não de um sentido transcendental, mas de um compromisso contínuo com a vida, apesar de sua aparente falta de propósito.

Se colocada a filosofia de Camus em conversa com a teoria de Freud, vemos um contraste interessante entre a consciência plena do absurdo e os impulsos inconscientes que moldam o comportamento humano. A psicanálise freudiana sugere que o suicídio pode ser uma manifestação de conflitos profundos, onde o indivíduo não está plenamente consciente dos motivos que o levam a esse ato. Já na de Camus pode-se ver como uma tentativa de trazer à superfície esses impulsos inconscientes, enfrentando-os de maneira deliberada. No entanto, Freud poderia argumentar que essa revolta, embora poderosa, não pode anular completamente as forças inconscientes; ela deve, em vez disso, coexistir com uma compreensão mais profunda das dinâmicas internas que podem impulsionar o desejo de autodestruição.

O pensamento de Viktor Frankl, com sua ênfase na busca de sentido, adiciona outra camada a essa discussão. Frankl acreditava que, mesmo em um mundo que parece desprovido de significado, os indivíduos podem encontrar ou criar um propósito que justifique a continuação da vida. Essa perspectiva pode ser vista como uma resposta direta ao desafio camusiano: onde Camus vê o absurdo, Frankl vê a oportunidade de superação por meio do sentido. No entanto, essa busca de sentido, segundo Frankl, não é uma negação do absurdo, mas uma maneira de transcender sua influência, encontrando valor e propósito mesmo nas situações mais desesperadoras. Assim, enquanto Ca-



mus propõe a revolta como resposta ao absurdo, Frankl sugere que a criação de sentido é uma forma de transformar o absurdo em uma experiência significativa. Nesse contraste de ideias, pode-se observar o surgimento de um paradoxo: ao tentar evitar a busca por um sentido no absurdo, Camus acaba, paradoxalmente, encontrando um propósito ao afirmar que a solução para o vazio é aceitar o "sentido" de que tudo na existência é, de fato, absurdo.

Essa análise revela que, embora as abordagens de Camus, Freud, Frankl e Durkheim possam parecer divergentes em seus métodos e conclusões, elas se complementam ao fornecer uma visão abrangente do fenômeno suicida. Camus, com sua ênfase na revolta, desafia as explicações mais tradicionais do suicídio, propondo uma forma de resistência que é ao mesmo tempo uma afirmação da vida. Freud, por outro lado, nos lembra da complexidade dos impulsos internos que podem levar ao suicídio, enquanto Frankl oferece uma via para a superação por meio da criação de sentido. Durkheim, com sua análise sociológica, contextualiza o suicídio dentro de uma estrutura social mais ampla, sugerindo que a revolta individual de Camus pode ser vista como uma forma de resistência à anomia social.

Após essa análise, ao continuar explorando o mito de Sísifo e sua relação com a psicologia, percebemos que a integração dessas abordagens enriquece nossa compreensão do suicídio, e nos oferece um conjunto de ferramentas teóricas para abordar essa questão complexa de maneira mais multidimensional e eficaz. A revolta camusiana, quando vista à luz das teorias de Freud, Frankl e Durkheim, revela-se como uma forma de enfrentar os desafios internos e sociais que contribuem para o entendimento do suicídio. Esse diálogo entre diferentes perspectivas permite uma abordagem mais completa, que reconhece a profundidade da experiência humana e a multiplicidade de fatores que influenciam a decisão de continuar vivendo.

Referências

- Alighieri, D. (2000). *A Divina Comédia. Inferno* (Tradução de Carlos de Brito e Mello). São Paulo: Editora Nova Fronteira.
- Camus, A. (1974). *O Mito de Sísifo* (Tradução de Manuel da Costa Pinto). São Paulo: Editora Record.
- Durkheim, E. (1987). *Le Suicide: Étude de sociologie*. 2. ed. Paris: Félix Alcan.
- Frankl, V. E. (2017). *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. E. (2006). *Man's Search for Meaning*. Boston: Beacon Press.
- Freud, S. (1976). Além do princípio de prazer. In: Sigmund Freud. *Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XVIII. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974). Luto e Melancolia. In: Sigmund Freud. *Metapsicologia: artigos sobre a teoria do inconsciente (1915-1917)*. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Hesíodo. (1999). *Trabalhos e Dias* (Tradução de Frederico Lourenço). São Paulo: Editora 34.
- Homero. (1980). *Odisseia* (Tradução de Carlos Alberto Nunes). São Paulo: Edipro.
- Ramis, H. (1993). *Groundhog Day*. EUA: Columbia Pictures.

Recebido em 30.10.2024 – Primeira Decisão Editorial em 17.09.2025 – Aceito em 10.11.2025